

Sideração covid-19: a economia suspensa e o momento decisivo para 2020

Yann Moulier Boutang

Co-diretor da revista Multitudes. Professor emérito da Universidade de Tecnologia de Compiègne Alliance Sorbonne University

Tradução de Flavia Guerra Cavalcanti





Uma sideração resultante da suspensão da economia

A pandemia viral que começou na China no Outono de 2019 e que atingiu todos os continentes no primeiro semestre de 2020 sem que seja possível estabelecer um prazo para acabar (Outono de 2020, ano 2021?) causou sobretudo um efeito espantoso. Um espanto ou torpor que não se deve à epidemia em si, à singularidade deste vírus (com tantas pessoas infectadas sem sintomas e contagiosas), nem à sua natureza assassina. Não, a enorme característica inédita é a colocação entre parênteses de uma economia que na véspera parecia avassaladora e ocupar todas as mentes. Mesmo que vários relatórios engavetados tivessem alertado para o grande risco de pandemias virais e suas incalculáveis consequências.

Maio de 68 ao invés de a Grande Depressão

Esse acontecimento considerável foi logo comparado às piores guerras, à Grande Depressão Econômica dos anos 30, à peste que atingiu Atenas durante a Guerra do Peloponeso, à Grande Peste Negra de 1358-1352, ou à mais literária *Peste* de Camus; também foi convocada a pandemia da gripe espanhola, a pandemia da Aids, o Ébola, ou mesmo a catástrofe do colapso da civilização antropocênica e os romances *noir* da ficção científica. No entanto, ainda não estamos satisfeitos quanto à natureza dos limites em que a humanidade estaria mergulhada. Tanto mais que a questão do "depois" está rondando manifestos e petições.

Se a sideração e rapidez da suspensão da vida econômica são as marcas do evento coronavírus, então é mais com os eventos de maio de 68 que devemos comparar a Covid-19 pelos seus efeitos. É certo que a causa nada tem a ver: os "acontecimentos de maio", limitados a um único país, entraram na vida política do país por causa do advento da famosa greve geral tão brandida como um sinal de adesão do movimento operário. A segunda paralisação é mundial; diz respeito à "vida nua" do animal humano. A morte nas grandes religiões proféticas (as do Livro) ou nas outras (a Pachamama) afeta a todos, 'os pobres em sua cabana', as "barreiras do Louvre"¹. As pragas familiares ao historiador

¹ Referência aos versos do poema de François de Malherbe (1555-1628) intitulado "Consolação a Madame Du Périer por ocasião da morte de sua filha: "O pobre em sua cabana, sob o telhado de palha/está sujeito às suas leis/E o guarda que vigia as barreiras do Louvre/não defende nossos reis". O poeta Clément Marot (1496-1544) também já utilizara imagem semelhante no verso "O pobre em sua cabana e o rei em seu trono", para se referir à vulnerabilidade de pobres e ricos à peste. No entanto, é Malherbe quem acrescenta o verso "E o guarda que vigia as barreiras do Louvre não defende nossos reis". Ambos, no entanto, teriam

medieval ou moderno afetam todas as classes. "Nem todos morriam mas todos eram atingidos², mesmo que a desigualdade logo volte pela janela.

O efeito de sideração da epidemia começou deste modo. O leão, os cortesãos e as raposas da fábula temem tanto quanto os miseráveis. Testa-se uma vez por dia na Casa Branca. Mas, na era do coronavírus, a ciência da clínica é estatística, precisa, como um bisturi: o machado etário, o da morbidade crônica e combinada, o sobrepeso, a diabetes, as deficiências do sistema imunológico. O que temos dentro do palheiro da retórica é: *mere facts* nada além de fatos. Estes já eram conhecidos por médicos hospitalares, demógrafos. Mas eis que o medidor de mortes em unidades de terapia intensiva, em lares de idosos (e muito mais raramente em lares) tornou-se o relógio diário dos canais de notícias, com suas legendas que deslizam continuamente.

Elogio filosófico e político da suspensão dos fios intencionais da economia

Além da pura descrição, o que atinge o Huron de Montesquieu ou o Persa - se é que ele ainda pode existir na superfície deste mundo, pois, tanto os Persas quanto os Yanomamis da Amazônia também foram atingidos, o que se marcará retrospectivamente - é a parada, a suspensão da economia, especialmente em suas manifestações favoritas como o automóvel, o transporte ferroviário e o aéreo. E foi exatamente isso que aconteceu ainda mais fortemente em maio de 68, já que não havia mais gasolina. É o silêncio, o canto finalmente audível de pássaros, veados, javalis aventurando-se no coração dos conjuntos habitacionais, uma onça-pintada caminhando nas encostas dos morros do Rio de Janeiro, outra nas ruas de Santiago.

Ouvimos nas rádios francesas: mais de 4, depois 9, depois mais de 12 milhões de funcionários do país em horário reduzido, ou seja, uma boa metade dos trabalhadores do setor privado, enquanto 40% da população trabalhadora permaneceu confinada em suas casas. A economia foi colocada entre parênteses. O trabalho não foi suspenso como em maio de 68. Ao contrário, ele persistiu para os "*premiers de corvée*" ou tornou-se remoto para os "*premiers de cordée*"³. O que foi suspenso é o contador impiedoso do dinheiro:

sido influenciados por Horácio (65 a.c.-8 a.c): "A pálida morte bate nas cabanas dos pobres da mesma forma que nas torres dos reis".

² Verso do poema "Os animais doentes da peste", de Jean de La Fontaine (1621-1695).

³ Durante a pandemia do COVID-19, o presidente francês usou o termo "*premiers de cordée*" para elogiar os empreendedores, em oposição aos "*premiers de corvée*" (trabalhadores essenciais) : *corvée* é a palavra

quando se pronuncia as palavras "custe o que custar", "seja o preço que for", deixa-se a economia, suspende-se seu caráter incondicional na vida da cidade e na vida. Isto ocorreu tão repentinamente quanto a paralisação da França em maio de 1968, com seus dez milhões de grevistas. E com o mesmo efeito estranho de uma temporalidade diferente, além do confinamento, como a qualidade do silêncio, como a duração bergsoniana de um dia que passa sem ser nem completamente trabalho, nem completamente descanso ou lazer para os mais afortunados, entre os quais não se encontram as mães sobrecarregadas com seus maridos e filhos o tempo todo. Mas, em qualquer caso, pode-se falar de uma suspensão fenomenológica dos fios intencionais da "*vita activa*", aplicando, desta forma, Husserl a Hannah Arendt. Ao contrário de maio de 68, o que está no centro atualmente não é o desejo do sujeito político, mas a situação instável na qual o animal humano se encontra no meio da vida e – lembrando Dante - no meio do caminho de nossa vida », ⁴. Temos também está em questão, neste momento, o próprio sentido da atividade frenética do capitalismo industrial globalizado, no que diz respeito à vida da biosfera.

Uma vez medida a extensão do evento (não um pequeno 1% do nosso crescimento, mas 4, depois 6, depois 10, depois provavelmente 15 ou 20%, dependendo do país, quando este terremoto for seguido pelos efeitos do tsunami no outono e no ano seguinte), devemos nos perguntar sobre a força do que pôde autorizar essa suspensão do que até então era o modelo de valor, o alfa e o ômega da vida econômica em comum, portanto "*em mercado*", esse mercado que se tornou o horizonte inatacável desde o colapso do socialismo real.

Se há algo inesperado nesta crise, não é a novidade do vírus (isto se repetiu dezenas de vezes nos últimos séculos), mas o fato de que um fragmento tão pequeno, um zumbi da vida (vivente), fugido do reino animal, conseguiu colocar de joelhos a economia globalizada no auge do seu poder e a terceira idade cujos os ganhos em longevidade nos orgulhávamos de haver inscrito nos anais da História.

usada em francês para definir os trabalhos obrigatórios que um camponês devia a seu senhor. La *cordée* faz referência aos montanhistas que se seguram numa corda e formam uma "cordata". EM 2017, em uma entrevista, o Presidente Macron tinha feito o elogio dos "premiers de cordée" para falar dos empreendedores bem sucedidos e tinha sido criticado pelo líder da oposição de esquerda, Jean-Luc Mélenchon, que os tinha opostos aos "primiers de corvée", fazendo referência os precários obrigados a trabalhar de graça. Durante a pandemia, os trabalhadores essenciais foram definidos novamente como "premiers de corvée".

⁴ Alusão ao verso de Dante que inaugura o capítulo do Inferno: "No meio do caminho da nossa vida/Encontrei-me numa selva obscura/Que a estrada reta fora perdida".

Um jornalista, Jean Quatremer (geralmente muito apreciado por sua crônica europeia), desencadeou uma bela polêmica ao defender o fim do confinamento, no que foi rapidamente seguido pelas mentes mais complacentes dos empresários, dispostos a « arregaçar as mangas » dos outros, dos seus funcionários. Surpreso com o que um vírus tão pequeno, muito menos mortal que o Ébola (outro vírus) ou que outros flagelos crônicos como o alcoolismo e a loucura ao volante, conseguiu produzir, esse talentoso jornalista colocou em perspectiva o custo espantoso desse desligamento surrealista da máquina e implorou o fim dos custos do confinamento. O que ele não disse! No entanto, ele não era como o burro da história de La Fontaine, que confessa sua culpa. A reação de indignação foi virulenta, por mais que possamos zombar das belas almas que, três meses depois, berram para exigir a "retomada" (outra palavra-chave/slogan da direita, odiada pelo Movimento, em maio de 1968). Mas o que parece mais uma vez impressionante é a espantosa unanimidade mundial da classe dominante, tanto da direita quanto da esquerda, para parar a economia, mantendo apenas suas funções vitais. Este posicionamento começou com o Presidente Xi Jinping em sua primeira aparição na província de Fujian, e isso mesmo um dia mesmo depois de ter afirmado que só um crescimento de 6,6% poderia garantir a paz social na China.

Isto continuou com o chefe do governo italiano, que, no dia anterior, estava trabalhando para extinguir seu déficit orçamentário e a gigantesca dívida do país. No final, todas as democracias europeias - mesmo aquelas mais apegadas à ortodoxia monetária, como a Alemanha, ou aquelas que juram pelos fundamentos da globalização neoliberal, como o Reino Unido – recolheram, *horresco referens*, a bandeira do crescimento sem qualquer restrição ou atraso e hastearam a bandeira da paralisação parcial e do confinamento. Até nas "democraturas"⁵ européias, como Hungria, Polônia, Belarus, Uzbequistão, e entre os presidentes populistas da América do Norte, houve uma capitulação em campo aberto. Estes países fizeram o mesmo tipo de confinamento, porém em várias tonalidades, e relegaram grande parte das atividades ao segundo plano. Em outros, no entanto, os mortos foram escondidos ou a palavra vírus foi proibida.

Todos os analistas tinham dado tanto crédito ao neoliberalismo pelo seu triunfo que muitos esfregaram os olhos. Haviam acreditado açodadamente que a noiva era muito

⁵ Junção de democracia e ditadura.



bonita e, de repente, desconfiaram de que deveria haver um lagarto escondido por trás de tal beleza.

Uma conspiração, uma terapia de choque para impor a liquidação final do Estado Providência?

Depois vieram as teorias do capitalismo por choques (Naomi Klein), ou aquelas inspiradas por Michel Foucault (quase 35 anos após a morte do mestre) ou por Giorgio Agambé⁶. Tal choque, tão facilmente aceito pelos chefes, pelos ricos, pelos "mandatários" no Estado, teria o objetivo de impor mais facilmente uma virada na exploração com a liquidação do Estado Social e das liberdades públicas, e o advento do Big Brother Digital preparado pelo GAFA⁷ californiano ou pelo BATX⁸ chinês.

Após o terrorismo e seu estado de emergência, o estado de emergência sanitária global nos faria engolir um biocontrole digital da população. O "capitalismo digital" (Daniel Cohen) estava destinado a ser emboscado como uma fênix maldosa pronta para ressurgir, milagrosa e animada depois desse gigantesco truque de mãos. Na verdade, tudo podia ser explicado, e o menor detalhe (mais ou menos arrancado do contexto pelos novos Bouvard e Pécuchet⁹ da medicina) fazia parte do quebra-cabeça. Incluindo as piores teorias da conspiração. As acusações feitas pelo Império do Meio de que um soldado americana teria espalhado a contaminação durante os Jogos Olímpicos dos atletas do exército em Wuhan, em meados de outubro de 2019, as alusões americanas à fuga do vírus de um laboratório de Wuhan classificado como P4 ou P3, ou seja, os mais altos graus de periculosidade, a avaliação de Luc Montagnier, Prêmio Nobel pela descoberta do HIV, para quem houve uma fuga de um vírus criado por um aprendiz de feiticeiro chinês que teria combinado um coronavírus com o vírus da aids. Essas teorias não são mais que pequenos textos da tese mais abrangente de uma grande conspiração capitalista A

⁶ "Sem querer minimizar a importância da epidemia, é preciso se perguntar se esta pode justificar medidas de limitação da liberdade que nunca haviam sido adotadas na história de nosso país, mesmo durante as duas grandes guerras mundiais. Surge a dúvida legítima sobre se, ao derramar o pânico e isolar as pessoas em suas casas, não se procurou empurrar para a população as gravíssimas responsabilidades dos governos que, anteriormente, haviam desmantelado o serviço sanitário nacional e, em seguida, na Lombardia, cometeram uma série de erros não menos graves na maneira de afrontar a epidemia". [@https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-nuove-riflessioni](https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-nuove-riflessioni)

⁷ GAFA – acrônimo de Google, Apple, Facebook, Amazon.

⁸ BATX – acrônimo para Baidu, Alibaba, Tencent e Xiaomi.

⁹ Bouvard e Pécuchet, personagens do romance de mesmo nome de Gustave Flaubert. Os personagens se dedicam ao conhecimento, porém o retiram de contexto.

toxicidade informacional das redes atribuiu a outro prêmio Nobel de medicina, Tasuku Honjo, a tese de que o vírus foi criado em laboratório, o que foi desmentido pelo cientista.

Se quisermos resumir essa tese do choque, digamos que ela leva ao extremo as características da teoria do biopoder, ou seja, de um capitalismo que governa a população produzindo os vivos e afirmando seu poder sobre a vida nua (inclusive pela ameaça dos vírus, que são uma produção de morte por replicação mimética da vida) para obter uma nova injeção de consentimento a uma hegemonia enfraquecida.

O Estado de bem estar lançado de helicóptero ou jumbo jet

O que esta tese não explica, porém, é a paralisação geral que resultou da pandemia e que não foi uma crise clássica imposta às classes trabalhadoras (do mundo dos dois primeiros mundos, o do capitalismo e o do socialismo tardio), pois, e este é o segundo aspecto surpreendente desta crise, não só o "capitalismo global neoliberal integrado", como teriam dito Felix Guattari e Gilles Deleuze, aceitou essa suspensão sem latir, como tomou medidas de apoio aos desempregados, às pequenas, médias ou muito grandes empresas, como nunca antes na história do capitalismo.

Não foi a estratégia do dinheiro derramado por helicóptero, como Milton Friedman defendeu para casos extremos e como Mario Draghi parece ter praticado durante a crise grega, com a política de flexibilização quantitativa do Banco Central Europeu. Foi o Estado de bem estar em toda a sua força impressionante que foi lançado de helicóptero ou jumbo jet. Não é a renda universal, mas uma garantia de salário ou renda que tem surgido em toda parte nos países ricos, na China e de formas mais atenuadas na Índia, América Latina e África.

Se houve uma conspiração na raiz desta crise, então ela escapou de seus perpetradores porque: a) é a conspiração mais cara da história do capitalismo, além das duas guerras mundiais do século passado; b) as transformações que imediatamente gerou, assim como as que insinuou, seriam totalmente contraproducentes para uma estratégia neoliberal contrarrevolucionária à maneira da Tricontinentale, que se reuniu nos anos 80 quando Margaret Thatcher orgulhosamente proclamou "TINA" (*there is no alternative* não há alternativa) e, sobretudo, "a sociedade não existe! (não existe tal coisa como a sociedade). Não é nem o "Em defesa da sociedade" de Michel Foucault, é a sociedade que prova ser o herói indispensável para salvar os vivos. As medidas extraordinárias tomadas



para amortecer a paralisação econômica de 60% já representam, após dois meses de paralisação, quase 15% do PIB mundial, e isto é apenas o começo. E, paradoxalmente, o confinamento, como uma grande maré baixa, deixou abertas as lacunas, as feridas pelas quais uma sociedade toma consciência de si mesma como um todo, enquanto os déficits iniciais exigem que outros venham reformar radicalmente a reforma dos hospitais.

Talvez outra hipótese seja necessária para explicar a Grande Suspensão da economia mundial.

O preço da morte é político: biopoder ou biopotência? "O direito à vida, custe o que custar".

Tudo tem um preço nestes tempos de economia triunfante, de valor Lifetime (o que você valerá em termos de consumo ao longo de sua vida) que as companhias de seguro calculam para determinar seu prêmio, os bancos para lhe conceder um empréstimo, um empréstimo de estudante, por exemplo. Na outra ponta do espectro, vale a pena salvar a sua vida se a sua vida não vale muito em termos de futuros fluxos de renda ou riqueza já acumulada, ou se você não tem mais tempo para viver? Esta avaliação da vida humana como "carne", como Francis Bacon a pintou uma vez, não é diferente da do fazendeiro que adivinha o momento certo para enviar sua vaca leiteira ao matadouro. E é provavelmente esta grande equivalência de mercado que nos empurra cada vez mais para o consumo de carne. Yuval Harari apontou isso em sua recente reflexão que se propõe a industrializar a produção de proteínas vegetais.

A gestão da população como produção de braços úteis, de soldados, de bucha de canhão passou pelas políticas de higiene no século XIX, através da aplicação mecanicista das leis de hereditariedade de Mendel na seleção de boas "raças" pelos americanos, escandinavos e, depois, nazistas no século XX. O progresso do conhecimento em genética deu origem a novas tentações de clonar seres humanos a fim de fabricar órgãos, modificar o genoma e produzir seres vivos, inclusive seres humanos.

O sagrado é o que não pode ser abordado ou pisado (*ta abata* em grego, como o túmulo de Édipo em Colono). Se a ciência nos aproxima cada vez mais da "produção e modificação da vida", a vida humana pode ser calculada, avaliada e, deste modo, enfraquecer, mesmo em tempo de paz, o segundo mandamento "não matarás". É essa realidade inquietante, exposta no pequeno e muito polêmico texto "Regras para o Parque

Humano", que Sloterdijk contrapôs ao velho humanismo de Jurgen Habermas. O trans-humanismo não deve nada a ninguém.

Além disso, à medida que as regras de avaliação do preço das coisas se estendem à vida animal e depois à vida humana, novas definições e novos tabus éticos vão sendo colocados em prática. A partir do momento em que o aborto se torna legal, o embrião não é mais considerado uma pessoa desde o momento da concepção e a dignidade do corpo da mulher e sua vontade prevalecem sobre o reflexo da horda a aumentar. Como o progresso da medicina permite a crueldade terapêutica (em particular mantendo as pessoas vivas em coma sem esperança de retorno), mas também a sedação definitiva, a questão está no centro do direito de morrer com dignidade. A manipulação genética não se restringe mais ao âmbito da ficção científica, o que levou a legislação nacional e internacional a proibir a clonagem humana, como fomos lembrados em novembro de 2018 quando o Dr. He Jiankui anunciou que tinha produzido bebês geneticamente modificados para torná-los imunes ao vírus da AIDS. Diante de um clamor mundial, o governo chinês resolveu, talvez relutantemente, reprimir o aprendiz de feiticeiro.

No entanto, em sociedades envelhecidas, onde os maiores de 65 anos constituirão um terço da população e o preço da vida se tornará uma quantidade economicamente avaliável, é o preço da morte que se torna politicamente incalculável.

Outrora, as guerras eram friamente calculadas pelo seu custo em mortes estimadas ou reais. Na noite da Batalha de Eylau, onde 14 mil franceses pereceram (serão 30 mil na Batalha de Wagram), Napoleão declarou: "Uma noite em Paris vai consertar tudo isso ». A queda da bomba atômica sobre o Japão foi justificada como tendo poupado muito mais mortes do que as que teriam ocorrido se a guerra tivesse durado mais seis meses no Pacífico.

Desta vez, ao contrário da gripe espanhola, que ocorreu no final da pior carnificina da história, ao contrário das pandemias da segunda metade do século XX, o raciocínio que consistia em colocar na balança (como alguns fizeram) as mortes desta "gripe" e outras causas de morte foi inaudível e severamente julgado, mas também impossível de assumir. Não há um preço de morte mensurável e, portanto, aceitável.

O seu preço político foi considerado exorbitante. Daí o "custe o que custar" dos governos de todas as nações em processo de envelhecimento (da China à Europa e aos Estados Unidos). Trump, deste ponto de vista, é muito mais próximo de Bolsonaro ou



Narendra Modi. Exceto entre aqueles "*jeunistes*"¹⁰ alucinados que trataram a epidemia como "gripezinha" ou ainda persistem em fazê-lo, a decisão de suspender a economia não essencial foi tomada quase imediatamente (tanto na China como na Europa). Os números da perda de renda foram astronômicos desde o início, embora a estimativa inicial de 1-2% tenha sido multiplicada por dez ou vinte em dois meses.

Em uma época em que os valores universais dos direitos humanos e do multilateralismo internacional foram enfraquecidos pelo crescimento do populismo e do bilateralismo neonacionalista, há algo de surpreendente, reconfortante e até decisivo nisso. Por que os Estados e governos, dos quais se esperaria uma exibição de cinismo e egoísmo, foram convertidos ao slogan do "custe o que custar", apesar de alguns países se terem mobilizado tardiamente para isso, já que apresentaram a teoria da imunidade coletiva (imunidade de rebanho) que permitiu não parar a economia e considerar as mortes da Covid19 como o preço a ser pago pela maior parte da população para adquirir anticorpos que a protegeriam? Esta visão desmoronou no Reino Unido e na Suécia quando se percebeu que uma porcentagem muito pequena da população tinha estado em contato com o vírus, que a aquisição de imunidade não estava garantida e que o número de mortes sacrificadas no altar desta melhoria do "rebanho humano" era eleitoralmente insustentável. O direito à vida de toda a população (incluindo seus "anciãos", "velhos", "pessoas idosas") prevaleceu. Apenas Bolsonaro e Trump e um punhado de tiranetes foram exceções. Este é um progresso da humanidade.

Contrariamente aos que, em essência, reclamam da crescente irrupção de um regime policial permanente de exceção, equipado com tecnologia digital, de um Big Brother do biopoder, vemos a irrupção do poder da vida, de um valor da biopotência muito mais interessante e portador de futuro.

Veremos este surgimento como uma resposta à mercantilização neoliberal da vida, mas também podemos entendê-lo como o princípio metodológico e político de que só há história e compreensão das inflexões de poder e biopoder quando se considera a composição do poder da vida.

Quais as razões para essa afirmação do valor da vida como um todo e não simplesmente a designação dos contaminados, seu isolamento e seu tratamento, quer

¹⁰ *Jeuniste*, em francês, tem uma conotação pejorativa e se refere àqueles que exaltam os jovens e a juventude, ignorando ou depreciando a velhice e as pessoas mais idosas.

queiram ou não, segundo um cursor que vai de regimes autoritários a democracias escandinavas mais apelativas ao senso de cidadania? O fato de o vírus ter afetado não só idosos com defesas imunológicas fracas, mas também adultos diabéticos com excesso de peso (duas doenças endêmicas atualmente), o fato de que as complicações cardíacas e cerebrais ocorrem em crianças, ainda que seja muito raro, o fato da contagiosidade da doença por pessoas infectadas pelo vírus, ainda que sem sintomas, o fato de que muitos dos afetados escaparam de complicações graves ou fatais.... tudo isso impediu um delineamento muito preciso da população a ser isolada (ao contrário de pragas como a peste, a hanseníase). O tratamento de triagem a priori de toda a população, como, por exemplo, o manejo sistemático de qualquer pessoa que apresente um sintoma da doença, só foi possível em regimes relativamente antidemocráticos.

Também é impossível atribuir a doença a comportamentos "irresponsáveis" (tais como alcoolismo, condução perigosa, sexo desprotegido). Então a gama neoliberal de respostas (você é responsável por sua vida, cabe a você se proteger e cuidar de sua própria segurança!) foi completamente desqualificada.

A sociedade foi duramente atingida. É reveladora a forma como os mais velhos são tratados, assim como os pobres (especialmente se os dois são combinados), nas sociedades humanas. Nesse sentido, toda sociedade é mais ou menos confucionista, mas, hoje, a importância do conhecimento, do conhecimento num capitalismo de regimes cognitivos que coloca os idosos muito menos em segundo plano do que o capitalismo industrial, certamente desempenha um papel no novo valor atribuído aos "Velhos", que se tornaram os "Anciãos". Já no final dos anos 70, os demógrafos haviam mostrado que uma população envelhecida não estava de forma alguma condenada à estagnação econômica, em contraste com o velho padrão natalista: a velhice deixou de rimar com má saúde, decadência social e asilos.

De volta ao normal, resiliência, transformação, bifurcações?

Se nos voltarmos agora para os efeitos dessa brutal e temporária recodificação da economia (para falar como Karl Polanyi) - temporária porque ela nunca quis se assentar a longo prazo, mesmo que esse parêntese possa vir a ser mais longo do que inicialmente esperado - , teremos que admitir que eles são consideráveis. Dizer que nada voltará a ser o mesmo é irrelevante, já que na história nada se repete duas vezes.

Mais modestamente, vamos nos contentar em listar alguns obstáculos para um retorno ao passado, o que os economistas chamam de efeitos de bifurcação, e que os teóricos prospectivistas e da complexidade denominam, mais prudentemente, de pontos de bifurcação, os quais impedem a continuação de uma tendência passada, seja porque acelerações ou mudanças de planos produziram limites, seja porque nós ou buracos negros apareceram ou, simplesmente, porque pontos de fixação ou de ancoragem (oh Lacan) do significado bloquearam o retorno ao passado.

Quase tão rápido quanto em maio de 68, chegou a hora de voltar ao trabalho. Retomada da atividade, transporte, escola, universidade, turismo. Muitos esperam fechar o parêntese. O Movimento das Empresas da França (Medef) já havia aprendido a duras penas com Maio de 68 que, quanto mais longa a pausa, mais difícil é a volta ao normal e, por isso, estava preocupada com a persistência da paralisação. Para algumas empresas, a resiliência seria um retorno aos chamados fundamentos da economia, da disciplina e do "*business as usual*".

No entanto, este maldito vírus, que não parece estar desaparecendo com o calor do verão na Europa ou no Extremo Oriente, ainda está aí. A recuperação está se mostrando complicada em todos os lugares. A das escolas não está tão mal, obrigado! O concurso do Eurovision também foi virtualizado depois de tantos festivais. Até o sacrossanto esporte (Jogos Olímpicos, Tour de France, torneios de tênis, campeonatos de futebol) foi atingido de forma duradoura até o final do ano.

E, mesmo assim, a retomada acabará por ocorrer de maneira desesperada, segundo o modelo do filme « Sauve qui peut Trotski », de Jacques Willemont, no qual um jovem trabalhador em lágrimas se rebela: "Não, eu não vou voltar, não vou mais pôr os pés naquela cadeia, é muito nojento!" As transformações ocorreram através da prova dos fatos, mas também nas cabeças, uma realidade talvez ainda mais importante para o "depois". Depois de 1968, os protestos dos trabalhadores continuaram como uma onda de choque por quatro anos, para, ao final, acabarem com as linhas de montagem na Europa Ocidental.

Muitas transformações invisíveis ocorreram durante estes dois meses de encerramento quase total (*lockdown*), ecoando o tradicional *lockout* do empregador, exceto que, desta vez, ele foi ordenado pelo Estado e as paralisações continuaram a ser pagas na grande maioria dos casos.

Transformações invisíveis (na versão francesa que tenho, tá escrito “visíveis”, talvez seja anterior)

As mudanças têm sido amplamente comentadas. O teletrabalho, que era tão difícil de montar, se difundiu para todos aqueles que não tinham as mãos na graxa (ainda que fossem os que trabalham com computadores, com infra-estruturas de rede). O trabalho de escritório "imaterial" e a programação da logística foram finalmente estabelecidos com bastante facilidade. A persistência da epidemia e o ritmo lento do desconfinamento já levaram os governos a incentivar uma mudança mais longa, se não definitiva, para o teletrabalho. A Peugeot anunciou que seus gerentes retornariam ao local de produção apenas uma vez por semana.

Mais sutis, mas não menos decisivas, as relações de trabalho foram expostas durante este período excepcional. As relações sociais também, seja no sentido negativo, com o agravamento das tensões ou, pelo contrário, positivo, quando a atividade associativa e as iniciativas locais tomaram o lugar de um Estado central pouco responsivo ou totalmente incompetente.

O lema da República foi reescrito ao contrário: primeiro a fraternidade, a ajuda, a igualdade e só depois a liberdade. As aspirações à igualdade de tratamento na doença, independentemente da idade e do status social, foram reforçadas pela fusão dos serviços de emergência nos hospitais. A hierarquia salarial se tornou mais palpável, uma vez que aqueles com menor remuneração também foram os menos confinados ao teletrabalho, os mais expostos. As comparações com a Alemanha no setor da saúde não foram vantajosas para nós. O papel indispensável dos pequenos ofícios, sem os quais a máquina econômica não teria sido capaz de funcionar em câmera lenta, a importância vital dos cuidadores, dos bombeiros e dos enfermeiros ganhou reconhecimento, como mostraram os rituais de aplausos nas varandas todas as noites. Nos hospitais, apesar da inacreditável lentidão, os recursos têm aparecido como por magia. Os gestores da «tarifcação por ato»¹¹, o coeficiente de ocupação de leitos e o racionamento permanente e baseado numa visão «*courtelinesque*» da administração pública¹² desapareceram por um tempo. Um

¹¹ A tarifcação por ato (*tarification à l'acte*) ou T2A é um modo de financiamento dos hospitais que remunera de acordo com a quantidade de atos médicos praticados. A T2A representa 70% dos recursos dos hospitais públicos e também é utilizada nos hospitais privados.

¹² A palavra *Courtelinesque* qualifica uma situação tragicômica relacionada à administração. O adjetivo deriva do nome do romancista e dramaturgo francês Georges Courteline (1858-1929), que, em suas obras, fazia uma sátira da administração pública.



administrador que não entendeu bem o momento e referiu-se a uma redução do quadro de funcionários previsto foi rapidamente transferido para outro cargo.

Podemos dizer, sem grande risco de errarmos, que, nos próximos dez anos, os planos de racionalização do sistema de saúde, de implementação do *lean management* (gestão focada na redução de desperdícios), de adoção de economias de escala, de organização do hospital como uma empresa *just-in-time*, de corte de pessoal e de congelamento de salários foram comprometidos pelo episódio do coronavírus. A partir de agora, eles serão *persona non grata*. Será muito, muito difícil para as autoridades públicas em toda a Europa, mas também em todo o mundo, retomar a partitura neoliberal da eficiência do sistema de saúde, entendida como fazer mais com menos recursos. O mesmo se aplica às profissões docentes. Quantas vezes já ouvimos de pais que tentaram ensinar seus filhos: "Não é fácil, é um trabalho de verdade! ».

Ainda no capítulo dos "invisíveis" que se tornaram visíveis, há as desigualdades que o modelo neoliberal muitas vezes conseguiu camuflar elegantemente como "fragilidade congênita". A rede de segurança social que se exibia nos altares da República, como as vaporosas e delicadas nuvens de Fragonard, desceu à terra e aí começaram a aparecer, de perto e não em « perspectiva », os buracos de traças de suas cortinas, o *trompe l'oeil* da decoração. Os gerentes falam de "buracos na raquete", mas seria melhor usar a imagem dos milhares de recifes que apareceram nesta maré baixa excepcional. Em países africanos ou americanos, estes recifes são as milhares de crianças de rua que geralmente contam com a caridade dos transeuntes para comer. Foi necessária a intervenção de organizações humanitárias mais acostumadas aos campos de refugiados ou zonas de guerra. Em nosso país, qualquer lista de profissões, setores de atividade, empregados, "populações em dificuldade" se estica como uma mesa de nidificação e faz surgir o empresário individual, o gerente « assimilé-salarié »¹³, o trabalhador temporário, o agente territorial¹⁴ contratado apenas para um trabalho específico, o desempregado sem indenização, o jovem com menos de 25 anos, o deficiente, as babás de creches particulares e o idoso com benefícios sociais mínimos.

¹³ O "gérant assimilé-salarié" não possui nenhum vínculo jurídico com a empresa e também não está ligado a um contrato de trabalho.

¹⁴ O "agent territorial" trabalha na Função Pública Territorial (FPT), que é uma das três funções públicas nacionais na França.

Ainda mais surpreendente foi descobrir a pobreza na sobriedade assustadora de famílias de 6 pessoas confinadas em apartamentos de 50 m² em prédios de vários andares localizados nos subúrbios da classe trabalhadora, justamente a que foi mais atingida pela COVID, já que teve de trabalhar em serviços de manutenção, transporte, limpeza e cuidado. Em outras palavras, foi preciso aparecer o coronavírus e o confinamento para nos darmos conta de que os 20% das famílias incapazes de pagar a cantina escolar (e, portanto, na maioria das vezes atendidas às escondidas) estavam sofrendo muito com o fechamento das escolas, pois a refeição do meio-dia era muitas vezes a única refeição completa do dia para muitas crianças. Outra realidade que se tornou visível: a importância da renda do setor informal, da chamada economia cinza e da miríade de pequenos trabalhos que, em muitos casos, evaporaram, colocando muitas famílias em dificuldades imediata a chamada "sociedade afluenta" perdeu o seu adorno, a carroça foi transformada em abóbora. O que os ativistas das associações Restos du Coeur¹⁵ e Compagnons d'Emmaüs¹⁶ antes se cansavam de repetir no desolamento amortecido por micro "amostras de vida", de repente se transformou nas manchetes diárias dos canais de notícias a cada nova medida tomada pelo governo. E quanto mais o Estado-Providência abandonava sua majestade para se aproximar de seus súditos, mais ouvíamos que "o rei está nu"! Também ficou mais claro o caminho que ainda precisa ser feito para se chegar a um Estado protetor justo, ou seja, que trate os 20% da população mais pobre de forma aceitável.

Em suma, a sociedade realmente existe, quer a falecida Dama de Ferro goste ou não, mas, sobretudo, ela será muito mais difícil de ser governada do que o foi na época em que a austeridade e o medo inspirado pelo terrorismo haviam reduzido significativamente os protestos às rotundas do desolamento francês. Independentemente de haver ou não controle digital da população, o fato é que o vírus mudou a percepção do efeito digital e Big Brother. O modelo chinês não convenceu outros países porque só a liberdade de informação poderia ter sido capaz de dissipar as suspeitas de que nos venderam gato por lebre em janeiro-fevereiro ou matar rapidamente a epidemia já em novembro. Isto fica mais evidente quando lembramos que Taiwan e Hong Kong, em notória dissidência da pátria, estão entre os países que melhor limitaram o coronavírus.

¹⁵ A associação "Les Restaurants du Coeur" distribui alimentos para a população de rua.

¹⁶ Compagnons d'Emmaüs é uma associação de acolhida de pessoas em situação economicamente vulnerável.



Os obstáculos à liberdade de movimento e o rastreamento digital dos pacientes e das pessoas que com eles estiveram não têm uma boa reputação. Os governos os usam com a cautela de gatos que temem contra-ataques.

As principais consequências de uma chuva de dinheiro "sem contar".

A característica mais surpreendente desta crise foi a suspensão de todos os critérios clássicos da economia, a intervenção do Estado-Providência (quando só se falava dela por cinquenta anos) e, conseqüentemente, esta chuva de liquidez, de dinheiro "sem contar" que quase provoca vertigem. Para financiar a assistência social, ainda mais necessária do outro lado do Atlântico pelo fato de que 30 milhões de pessoas não estão cobertas pelo seguro social, o Tesouro americano acaba de lançar um empréstimo de 2,9 trilhões de dólares, ou seja, mais de um quinto do PIB norte-americano. Entre o início deste artigo e o final, ele acrescentou mais alguns milhares de bilhões ao pote. Ao contrário de especulações mais arriscadas sobre o que vai acontecer a seguir, esta efusão astronômica de dinheiro já tem consequências fundamentais em três grandes áreas onde tudo foi bloqueado por falta ... justamente de dinheiro: 1) transformação ecológica; 2) redução da pobreza devido ao espetacular crescimento das desigualdades dentro dos países, apesar da redução das desigualdades entre as nações. 3) A estagnação da integração europeia em termos de políticas sociais, fiscais, industriais e de novas tecnologias devido à falta de dinamismo econômico e de combustível financeiro. As duas primeiras bifurcações dizem respeito a todo o planeta; a terceira nos preocupa particularmente na Europa.

Políticas de austeridade à margem

Dizer, como disse o Ministro das Contas Públicas G. Darmanin, vindo do espectro da direita e numa posição que é, por definição, a de austeridade, que "quando um incêndio está em andamento não se conta os baldes de água" ou repetir o mantra de Mario Draghi "custe o que custar" é uma palinódia quase desconcertante para o capitalismo neoliberal que havíamos conhecido como sovina. Quando esses novos mantras são aplicados imediatamente, estamos diante de uma licença bastante dura dada à doutrina neoliberal, o que faria Reagan, Thatcher e Milton Friedman revirarem-se em seus túmulos. O neoliberalismo e as políticas de austeridade, de redução dos déficits orçamentários, estão

mortos, e não apenas no meio abafado e confidencial dos banqueiros centrais, que sabiam disso desde 2008.

Por que eles sabiam? Simplesmente porque todas as transformações urgentes da economia mundial - reduzir as desigualdades, salvar o planeta, proteger a saúde e a educação da população (os programas da ONU falam em melhorar a qualidade da população) - foram contestadas pela mesma lei de ferro: não há dinheiro para isso, é preciso produzir riqueza para poder redistribuí-la, ou seja, é preciso continuar massacrando o planeta para ter o suficiente para salvá-lo (eventualmente).

Dinheiro para a transformação ecológica

Mas que lição os ambientalistas apocalípticos e os chamados aceleracionistas¹⁷, que são as formas mais radicais de protesto e de proposta de uma verdadeira alternativa, podem tirar do episódio do coronavírus? Uma delas é que se pode ter dinheiro em quantidade astronômica e de maneira rápida. É uma questão de vontade política. Quando esta existe, ela se traduz na criação monetária e na garantia, dada pelos bancos centrais, aos empréstimos dos Estados e aos financiamentos concedidos por bancos pequenos. É uma questão de vontade política. O dinheiro é o vínculo com o futuro. Ele é criado pelo crédito. O crédito é a confiança que colocamos no futuro, na realização de um ciclo econômico projetado. Até o ultraliberal Alain Minc, o maestro do coro da « globalização feliz », foi rápido em defender um sistema de dívida perpétua que jamais seria paga se fossem oferecidos juros muito baixos¹⁸.

Portanto, o financiamento da transformação ecológica, uma questão da máxima urgência, é uma decisão política. Não é a baixa capacidade de poupança dos países que impossibilitará uma atmosfera respirável, uma energia limpa, uma agricultura que não polua o solo e uma redução drástica dos transportes graças aos « circuitos curtos »¹⁹. Também podemos apostar com segurança que Greta Thunberg se apoiará nesse precedente de criação monetária massiva na crise do coronavírus para defender os

¹⁷ O “Manifesto por uma política aceleracionista”, publicado em 2013 por Alex Williams e Nick Srnicek, convocava a esquerda ecológica a abandonar a “nostalgia primitivista” e acelerar o progresso histórico e tecnológico como estratégia de combate ao capitalismo neoliberal.

¹⁸ Ver Laurent Cordonnier. «Quem vai pagar a dívida pública?», *Le Monde diplomatique*, Maio 2020.

¹⁹ O circuito curto é defendido pelos ecologistas e refere-se a um encurtamento do trajeto das mercadorias pelo território, fazendo com que a população consuma mais os produtos locais.



investimentos ecológicos nas arenas internacionais poderá lembrar : "quando o dinheiro fluía (à flots: em massa)". Os ambientalistas se tornarão cada vez mais intolerantes com a procrastinação culpada dos grandes investidores do mundo. Eles não estarão errados.

Foi apenas nesta área que vimos uma reação vital ao coronavírus semeando um outro futuro possível. O relativo consenso em torno da globalização, que tem amortecido a rejeição da esquerda à ordem neoliberal e levado às tentativas de democratização do poder na China e nos países do Terceiro Mundo, tiveram suas raízes, em grande parte, na redução da pobreza no mundo. Em quarenta anos, entre 350 e 450 milhões de pessoas foram tiradas da pobreza, em grande parte - mas não exclusivamente - na China. No entanto, já há algum tempo este consenso brando vem sendo minado pela estagnação do crescimento que se choca com os limites ecológicos. O declínio da fina mecânica do comércio internacional, o questionamento das divisões do trabalho que se haviam estabelecido com base no livre comércio – com as consequências sanitárias que temos visto -, e a recessão que afetará não apenas a África, mas todas as economias, são signos que indicam a necessidade de muito mais proteção para evitar um caos semelhante àquele dos anos 30. O FMI prevê um retorno à pobreza de 400 milhões de seres humanos.

Renda universal, ato 2

A transição ecológica, se levada a sério, enfrentará coalizões de interesses tão poderosas que precisará mobilizar o maior número possível de cidadãos para ter alguma chance de se impor. Mas essa "nova distribuição produtiva" deve redesenhar tão profundamente as indústrias que a cobrança do pleno emprego já utilizada nos anos 30 e depois dos choques petrolíferos de 1974 e 1980, reaparece de forma pouco velada quando muitos líderes empresariais exigem que as restrições ambientais sejam adiadas *sine die*. O apoio das populações aos governos só será possível se elas forem protegidas da regressão social. Os instrumentos clássicos do Estado Providência foram mobilizados com uma velocidade e com uma magnitude de recursos que teriam encantado J.M. Keynes e W.H. Beveridge, como se eles tivessem queimado os seus últimos cartuchos na História. Se não aproveitarmos esse choque e as lacunas expostas na rede de proteção social, correremos o risco de encontrar as mesmas dificuldades de financiamento em um ou dois anos, em escala ainda maior. O sistema de proteção social que emergiu da Segunda Guerra Mundial

e da Grande Depressão não pode se tornar mais « *un fort Chabrol* »²⁰ do status adquirido quando tantas pessoas precarizadas e "frágeis" não estão protegidas e provavelmente estarão ainda menos se mantivermos o antigo sistema com taxas de desemprego acima de 10% da população ativa.

A demanda por uma renda ou existência universal ou básica, como quer que se chame, vem surgindo há mais de vinte anos, tanto no Norte como no Sul. Com a campanha de Benoit Hamon para as eleições presidenciais de 2017 na França, ela ultrapassou um limiar de visibilidade. Este objetivo no horizonte da "questão social" é discutido regularmente e até mesmo experimentado a nível regional. Em meio à crise pandêmica, ele tem sido apresentado até mesmo por parlamentares e eleitos locais. Uma renda que não deve ser confundida com a racionalização dos benefícios sociais, que estão em um nível muito baixo, como o da *Revenu de Solidarité Active* (RSA)²¹. A renda básica é uma renda individual, incondicional (o inverso dos projetos que fazem dela uma renda para os pobres!), que pode ser combinada com uma atividade remunerada. Deve ser tão alta quanto possível em relação ao PIB de um país para garantir que todos sejam autônomos, em particular para se requalificarem para novos empregos. Se substituísse o salário mínimo numa sociedade largamente uberizada, onde muitos trabalhadores dependem de um empregador que não diz o seu nome e que se apresenta como uma plataforma de serviço puro, sem qualquer garantia de rendimento entre as missões (tal como os trabalhadores temporários), então ela deveria ser de 1000 a 1200 euros líquidos, o que representaria cerca de 1 trilhão de euros na França.

Essa soma, que representaria quase o dobro do orçamento social da nação, parece impossível para a maioria dos economistas, tanto ortodoxos quanto heterodoxos, exceto se lembrarmos que o estabelecimento do Estado Beveridgiano pelo Conselho Nacional de Resistência, durante a *Libération*, representou um salto semelhante e que essa soma se torna concebível dadas as ordens de magnitude do dinheiro mobilizado na crise do coronavírus.

²⁰ *Un fort Chabrol* é uma expressão francesa que designa um lugar que não se pode tomar pela força, uma espécie de Fortaleza inexpugnável. A expressão deriva de um episódio ocorrido no fim do século XIX, quando Jules Guérin, membro de um movimento de extrema-direita, resistiu durante oito dias ao cerco da polícia ao seu apartamento na Rua Chabrol, em Paris.

²¹ A Renda de Solidariedade Ativa (RSA) representava, em 2018, 45% do conjunto dos beneficiários de auxílio social na França. Ela visa a reduzir as barreiras que os desempregados encontram para se reinserir no mercado de trabalho. Porém, também pode ser concedida àqueles que têm uma renda derivada do trabalho tão baixa que o desestímulo a este se torna alto.



Uma reforma desta magnitude (que por si só conseguiria eliminar o crescente lastro de pobreza que, a partir de agora, oscilará entre 12 e 20% da população na maioria dos estados membros da UE) teria que ir de mãos dadas com uma reforma fiscal que não tem mais nada a ver com o remendo que uma restauração do *Impôt de Solidarité sur la Fortune* (ISF)²² e uma maior progressividade do imposto de renda traria. Precisamos também de uma mudança na forma de encarar a riqueza, tributando a circulação e o faturamento das multinacionais digitais, enfim, um imposto de 5% ou até 6% sobre todas as transações financeiras e monetárias.

Mas este tipo de reforma só faz sentido a nível europeu. E então descobrimos que uma agenda social e ambiental para as políticas futuras são intimamente dependentes da evolução das instituições da União Européia. Neste último ponto, o Covid 19 abriu a porta para uma mudança decisiva dentro da Comunidade Européia.

A bifurcação do federalismo europeu: a crise da covid19 , um perigo mortal para a Europa

Por trás do pano de fundo da pandemia de Covid19, houve um episódio menos divulgado mas crucial. A Itália, o país mais afetado na União desde a saída do Reino Unido, em março de 2020, rapidamente pediu ajuda europeia. Depois de algumas confusões lamentáveis, quando países vizinhos tentaram obter máscaras e respiradores em detrimento da própria Península, relutantes em demonstrar qualquer solidariedade prática, a Comissão mediu os danos colaterais que a falta de solidariedade causaria a todo o projeto europeu. Numa primeira reunião desastrosa do Conselho, os representantes holandeses, dinamarqueses e alemães se recusaram a atender qualquer pedido de assistência financeira da Itália que não fosse empréstimo contraído a nível nacional. Consequentemente, Mario Monté, Chefe de Governo italiano, recusou-se a assinar o comunicado final da reunião e obteve o apoio de nove países que representam 60% do PIB da União (todos os países latinos, inclusive a França, e outros países não-latinos, como a Eslovênia, a Irlanda, a Bélgica e o Luxemburgo). A decisão foi adiada para uma reunião dos principais financiadores da União, que aconteceria em 29 de março. Na

²² O Imposto de Solidariedade sobre a Riqueza, ISF na sigla em francês, foi abolido em 2017 pelo então primeiro-ministro francês Édouard Phillippe.

véspera desse encontro, Jacques Delors, 95 anos, como « a estátua do Comendador »²³, apelou aos Estados membros para que se mostrassem solidários.

Formigas e cigarras na crise

O Norte da Europa, logo conhecido como o "Clube dos Sovinas" ou, mais educadamente, a "Nova Liga Hanseática" (a mesma sem a Alemanha, mais os países escandinavos e bálticos), admitiu que era necessária uma assistência financeira extraordinária, mas no âmbito do MES (Mecanismo de Estabilidade Europeu), forjado na dor e no compromisso em plena crise grega (2010-2012), ou seja, mobilizar parte dos 700 bilhões de fundos reservados. O MES concede empréstimos ao país candidato sob a condição de que este adote determinados princípios de política econômica e orçamentária. Este argumento é inadmissível para a Itália, Espanha ou Portugal. A Alemanha fez concessões e falou em contribuir com 1 trilhão de euros para o pote comum. Deve-se dizer que, nesse ínterim, a crise aumentava a cada hora e a Alemanha, apesar de seu baixo número de mortos, assistia ao mesmo declínio maciço de crescimento que seus parceiros. A crise era simétrica; não se tratava mais de apoiar um país que tinha seguido uma política errada, como no caso da Grécia. A Comissão havia falado de um empréstimo de 110 bilhões para financiar o trabalho em horário reduzido e o BCE havia concedido uma garantia de empréstimo de 750 bilhões. Tornava-se evidente, mesmo para as formigas da ortodoxia estritamente orçamentária, que o princípio de que os contribuintes dos países virtuosos não deveriam ter que pagar pelas cigarras do sul não salvaria mais do desastre anunciado, como ocorreu na crise de 2008.

Como frequentemente observam os pessimistas, o Conselho enviou o bebê incômodo de volta à Comissão com a tarefa de fazer propostas antes do verão. No entanto, alguns pontos importantes já estavam em vigor no mês de abril. A natureza condicional dos empréstimos do MES seria muito vaga: todas as despesas relacionadas com o coronavírus seriam elegíveis. A assistência a um país não estaria limitada a um percentual do seu PIB. Porém, os fundos do MES não seriam suficientes (seu Presidente havia advertido sobre isso). E a idéia de um plano de recuperação maciça foi aceita, mesmo que

²³ A expressão "estátua do Comendador" tem sua origem na peça Don Juan, em que a estátua de um Comendador lembra o volúvel Don Juan de suas obrigações e responsabilidades. No sentido figurado, refere-se a uma pessoa respeitável que simboliza um pilar fundador de um projeto. No caso em questão, Delors é a estátua do Comendador da União Europeia. Assim como a estátua do Comendador, Delors chama a atenção da União Europeia para os seus compromissos de solidariedade.



suas modalidades ainda não tivessem sido decididas. A idéia de que uma grande parte dos financiamentos ficaria a cargo do orçamento da Comissão já estava estabelecida. Este princípio, aparentemente inofensivo, significava uma inflexão para uma União orçamentária e, portanto, para transferências (e não mais empréstimos reembolsáveis). Se essas somas serão financiadas por títulos do Tesouro específicos (*Coronabonds*), conforme solicitado pelo Grupo dos Nove, ou por títulos da Comissão é uma questão de detalhe. E, de modo algum, isto significa dizer que o orçamento europeu, como o dos Estados-Membros, está em déficit e que a Europa pode pedir empréstimos com base na sua moeda. Ou que haverá uma mutualização das dívidas.

Todo o compromisso europeu, desde Maastricht, entre federalistas e apoiadores de uma confederação tinha sido federalizar (pelo menos na zona do euro) a política monetária, mas deixar cuidadosamente a política orçamentária para cada Estado, estipulando que o BCE não deveria ajudar a compensar os déficits orçamentais de um país.

A reincidência do coronavírus, assim como ocorreu depois da crise de 2008, empurrará os orçamentos nacionais de volta ao vermelho por muito tempo, mas desta vez de maneira mais forte e universal. O oxímoro «federação dos estados-nação» se desfaz e a balança de poder se desloca em favor dos federalistas. Como haviam observado os soberanistas, o BCE já começou a comprar de volta os títulos dos países membros, mas é claro que não os subscreveu imediata e diretamente. *Distinguo!*²⁴O BCE os havia comprado apenas no mercado secundário, ou seja, das operadoras que os tinham adquirido²⁵. Isto não enganou ninguém, muitos menos os banqueiros centrais.

O velho debate submerge sob a enormidade da nova dívida

Mas ainda não se tratava de financiar diretamente o déficit de um orçamento europeu que, por definição, não podia gastar mais do que sua receita. Não se tratava de criar um Tesouro Europeu porque isso significaria uma política orçamentária comum.

Entretanto, pouco antes da crise do coronavírus, o debate político no Conselho Europeu ainda se dava dentro do antigo quadro das instituições existentes e tinha por

²⁴ Termo em latim que significa “diferença sutil”.

²⁵ O BCE não pode comprar diretamente os títulos dos países membros porque isto seria financiar diretamente os tesouros nacionais. Ele compra os títulos dos países somente no mercado secundário, ou seja, de bancos e investidores institucionais.

objeto o aumento ou a redução - ambos modestos - do projeto de orçamento 2021-2027. A Holanda, seguida pela Áustria e, não muito atrás, pela Alemanha, queria conter o muito modesto orçamento a pouco mais de 1% do PIB da União (15 trilhões de euros), ou seja, 154 bilhões por ano. Os mais ambiciosos e gastadores, entre eles o Parlamento, queriam aumentá-lo para 200 bilhões.

Esta briga, muitas vezes amarga e pouco brilhante, foi completamente afogada pela chuva de dinheiro e dívidas futuras. A linha Maginot dos antifederalistas, uma espécie de Liga dos Contribuintes (da qual tínhamos tido uma antevisão com a Liga Lombard na Itália com a mesma recusa do Norte em pagar pelo Sul), estava completamente inundada.

Esta batalha, que relega o famoso Brexit à categoria de periferia subalterna, é crucial para o futuro da construção europeia. Aqueles, entre os especialistas da Europa, que gostariam que ela ficasse nos bastidores - este edifício tão complexo que seu projeto de Constituição em 2004 incluía 448 artigos em 475 páginas - foram contrariados pela realidade. Em 5 de maio de 2020, o Tribunal Constitucional alemão, reunido em Karlsruhe, transformou o debate em uma verdadeira crise política da União Europeia.

O bombardeio de 5 de maio em Karlsruhe

Em consonância com as teses confederalistas, e referindo-se à letra dos Tratados, a decisão do Tribunal alemão obrigou o governo a controlar o BCE, que está comprando bilhões de euros de dívida pública sem respeitar a regra da proporcionalidade dos créditos em relação ao PIB dos Estados-Membros (favorecendo, assim, transferências para os países beneficiários e uma mutualização de fato das dívidas). Acusou também o BCE de penalizar a poupança dos cidadãos alemães através das suas taxas de juro negativas. Também pediu à Comissão que não ultrapasse esses mesmos limites. Finalmente, e isto é sem dúvida o mais grave, colocou em xeque a preeminência do direito comunitário, inclusive em matéria constitucional (acórdão Costa, 1965), e, por conseguinte, a do Tribunal de Justiça da União Europeia, que tem sede no Luxemburgo.

Com esta decisão, o Tribunal Constitucional alemão se contradisse, já que, na questão da ajuda à Grécia e da avaliação da política do BCE para este país, a Corte havia se declarado incompetente para julgar uma denúncia apresentada por contribuintes alemães e remeteu o caso para o julgamento do Tribunal do Luxemburgo, que apoiou a



política do BCE (para que conste, o Tribunal do Luxemburgo era presidido por um juiz grego na altura).

Este ataque inacreditável da Corte alemã assustou os espíritos, que viram nele um sinal de alerta da implosão da União sob o efeito da crise da Covid19. As reações europeias foram muito fortes, já que a posição do Tribunal de Karlsruhe fortalecia os argumentos do « Clube dos Sovinas ». A Comissão Europeia, liderada pela cidadã alemã Ursula van der Leyen, não hesitou em ameaçar a Alemanha com um processo de infração à justiça europeia.

O Tribunal de Justiça do Luxemburgo, numa fria declaração à imprensa, explicou que não tinha de se pronunciar sobre o mérito de um acórdão de uma instância inferior na hierarquia dos tribunais e limitou-se a assinalar que a ação do Tribunal violava os Tratados e punha em risco todo o edifício institucional da União.

A debandada previsível dos confederalistas

Ao comentar a decisão da Corte alemã perante a Câmara dos Deputados, a chanceler Angela Merkel limitou-se a dizer: "Isto vai nos estimular a fazer mais em política económica, para avançar na integração". Com o anúncio de que a Alemanha estava disposta a colocar na mesa 1 trilhão de euros, soma que excede o PIB anual de 23 dos 27 membros, Merkel deixou claro que a política económica e, portanto, a política orçamentária seria mais integrada, o que significa que, em troca de mais solidariedade, haverá mais federalismo. Portanto, haverá um orçamento federal maior e a possibilidade de Bruxelas tomar empréstimos diretamente no mercado de capitais.

De fato, o ataque desesperado dos confederalistas, diante do risco cada vez mais evidente de derrota em mar aberto que os espera, levará ao efeito contrário do que procuravam: em vez de reconsolidar a soberania nacional, sua tentativa deixará a União Europeia sem outra opção a não ser reformar os Tratados na direção "daquela integração cada vez mais profunda" que aparece em seu preâmbulo e que levou o Reino Unido a zarpar da União.

É preciso entender a lógica da Corte alemã, herdeira de uma tradição jurídica do final do século XIX que persistiu mesmo sob o regime nazista e se tornou, durante a República Federal, uma obsessão com a defesa dos indivíduos (contra o modelo comunista). A tradição alemã, que anda de mãos dadas com uma cultura de compromisso

formalizada *ex ante*, é a de proceder de acordo com o que está escrito. Não gosta de quebrar os consensos estabelecidos. Uma dívida é uma dívida, e tem que ser paga (mesmo que, no decorrer do tempo, se esqueçam as reparações, jamais pagas até o último centavo no pós-Guerra).

No âmbito do BCE, os membros do Bundesbank têm sido muito relutantes a "medidas não convencionais" e à sua flexibilidade para salvar o euro. Frequentemente derrotados na Comissão Executiva do BCE, os falcões do Bundesbank tiveram que se curvar. Durante a crise grega, Thilo Sarrazin, membro do Partido Social Democrata (SPD) e da Junta Diretiva do Bundesbank de maio de 2009 a setembro de 2010, renunciou por causa do escândalo em torno de seu bestseller " *Deutschland schafft sich ab* ("Alemanha extingue a si mesma"), lançado em 2010. Nesse mesmo ano, escreveu outro panfleto: "A Alemanha não precisa do Euro". Esta posição constituiria a base de fundação da Alternative Für Deutschland, o partido de extrema-direita cujo porta-voz por dois anos seria o economista liberal Bernd Lucke. O nome do novo partido foi uma resposta a Angela Merkel, que tinha justificado a ajuda do BCE à Grécia com o argumento de que não havia alternativa para salvar o euro.

Dez anos depois, parece que esta cena está sendo representada novamente, agora na Itália e, em seguida, em todos os estados membros. O resultado será o mesmo: a Alemanha não conseguirá escapar. Mas, graças a este veredito de sua Corte Constitucional, ela obterá a formalização, nos Tratados, do que tem sido a verdadeira prática da União Européia para sobreviver. O "federalismo crescente" - como os ingleses o definiram, aptos que são para compreender a jurisprudência – que inerva a constituição material do edifício europeu mostrou-se a todos. A constituição formal da Europa terá de aderir à sua constituição material. E esta será cada vez mais federal. É a soberania européia nos campos da saúde, industrial e orçamentário que estará em jogo, e não a soberania cara aos neonacionalistas. A Europa só avança em crises.

A Covid19 terá prestado um serviço sagrado à Europa. E seus mortos, tanto quanto os cuidadores dos vivos, terão merecido a bandeira estrelada da União.